



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

O Divino Pai Eterno na Sociedade em Mídia: a (re) configuração das práticas religiosas pela TV

The “Divino Pai Eterno” in the society in process of medialization:
the (re)configuration of religious practices through television

*Paulo Afonso Tavares**

Mestrando em Ciências da Religião (PUC-Goiás)

Resumo

Este artigo aborda a transformação da devoção do Divino Pai Eterno no município de Trindade, que nasce de uma experiência religiosa popular, passando pela romanização da diocese de Goiás e consolidando na mediação das práticas religiosas do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno.

Palavras-chave

Divino Pai Eterno. Catolicismo Popular. Romanização. Mediação. Igreja Mídia.

Abstract

This article presents the transformation of the Divino Pai Eterno devotion in the city of Trindade, devotion that rises from a popular religious experience. The devotion is Romanized by the diocese of Goiás and becomes consolidated in the medialization of religious practices of the Divino Pai Eterno Shrine Basilica.

Keywords

Divino Pai Eterno. Popular Catholicism. Romanization. Medialization. Media Church.

Considerações Iniciais

A devoção do Divino Pai Eterno se inicia por volta de 1840 no antigo arraial Barro Preto, hoje município de Trindade, quando um casal de agricultores, Constantino Maria Xavier e Ana Rosa de Oliveira, ao roçarem um pasto ao lado do Córrego Barro Preto, encontrou um medalhão de barro, com a gravura da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. Com a descoberta, Constantino e Ana reuniram a gente humilde da região sempre aos sábados para rezar o terço. Em pouco tempo, a casa já não conseguia acolher

* Paulo Afonso Tavares é Mestrando em Ciências da Religião e graduado em Jornalismo pela PUC GOIÁS. Bolsista da Fapeg. E-mail: jor.pauloafonso@gmail.com

tanta gente vinda de diferentes lugares de Goiás, a pé ou em carros de boi, para ali adorarem o Divino Pai Eterno, a primeira pessoa da Santíssima Trindade, representada como um velho calvo de barbas longas. Com o passar dos anos, essa devoção vai sendo reconfigurada conforme a Igreja Católica vai caminhando. Por isso, estudam-se primeiramente os conceitos de Catolicismo Popular e Romanização. Também se discutem conceitos-chaves para o esclarecimento da questão, como Mídiatização da Sociedade e Igreja Mídiática.

Catolicismo Popular

Segundo a tradição, o início da devoção do Divino Pai Eterno no Povoado de Barro Preto, atual município de Trindade, aconteceu por volta de 1840, a partir de uma experiência religiosa popular dos moradores do sertão goiano, conforme descrito. A primeira capela, coberta de folhas de buriti, foi construída pelos habitantes em 1843. Os devotos vinham de todo lugar, trazendo presentes e ofertas. Já em 1850, foi erguida uma capela de alvenaria, coberta de telhas. No mesmo ano, surgia o patrimônio da igreja, com doações de terras pelos fazendeiros do arraial.

De acordo com Parker, o catolicismo popular se refere às manifestações coletivas que exprimem a maneira de sentir, de perceber e conceber as angústias, as necessidades e os anseios que não encontram respostas adequadas ou suficientes nos espaços do catolicismo oficial, ou seja, nas expressões religiosas do catolicismo institucional.¹

Mesmo que o núcleo do catolicismo oficial seja o mesmo do catolicismo popular, como a devoção aos santos e a Maria, as formas de expressá-las são diferentes. O primeiro está mais ligado ao espaço da ortodoxia, da instituição e do privado e o segundo tem uma maior participação do povo, é leigo e comunitário. É o que afirma Paleari, o catolicismo oficial (romanizado) é “qualitativamente diferente do catolicismo popular. Aquele é marcado pelos santos e pelos leigos e, este, pelos sacramentos e pelo padre”.²

Já para Santos, a religião dominante é a religião oficial, considerada como verdadeira, enquanto que a outra, a dominada, é tida por meras superstições, credences, fanatismos.³ Evidencia-se, assim, a produção simbólica de um sistema rotulado, de acordo com as posições definidas, no campo religioso, e na sociedade de classes: o Catolicismo Oficial-Dominante e o Catolicismo Popular-Dominado. Nesse sentido, Beozzo afirma:

Não é fácil atingir a consciência religiosa do pobre, dos escravos, dos índios. Na análise do comportamento religioso nota-se a existência de um

¹ PARKER, Cristián. *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996.

² PALEARI, Giorgio. *Religiões do povo: um estudo sobre a inculturação*. São Paulo: Ave Maria, 1990.

³ SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. *Missionários Redentoristas Alemães Em Goiás, Uma Participação nos Movimentos de Renovação e de Restauração Católicas – 1894 a 1944*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

campo em que parecem encontrar-se os oprimidos e os opressores, em sua atitude perante a realidade. Os que detêm o poder procuram sacralizar, em nome de Deus, a ordem, a situação, e em nome de Deus combatem as mudanças: a realidade é esta, e não deve ser de outra maneira. Os que nada possuem, fatalistas, acham que têm de ser assim mesmo, que não pode ser de outra maneira. O encontro se dá na conclusão de que a realidade é intocável.⁴

Azevedo afirma que o Catolicismo Formal se traduz em uma religião escatológica, de salvação, cujos padrões de santidade e conduta moral se alicerçam no outro mundo, ao passo que o Catolicismo Popular procura atrair os poderes do outro mundo para auxiliar o homem, aqui „neste mundo“, não havendo preocupação com a espiritualidade dos santos, tampouco com padrões de comportamentos éticos, estabelecidos pelo Catolicismo Formal.⁵ Já Oliveira define Catolicismo Popular como aquele “em que as constelações devocional e protetora prismam sobre as constelações sacramental e evangélica”.⁶ Sendo que esta característica, leiga do catolicismo popular se dá, devido à escassez de padres no interior rural do Brasil, obrigando a população a organizar suas crenças e devoções, criando as irmandades e confrarias leigas, onde o contato é feito diretamente ao santo protetor sem a mediação clerical.

O início da devoção do Divino Pai Eterno em Trindade coincide com o período de vigência do Padroado no Brasil e a escassez de padres na diocese de Goiás, que abrangia um grande território, correspondendo os Estados de Goiás, Tocantins e uma parte de Minas Gerais. Portanto, a função do clero no santuário aparece inicialmente muito reduzida, limitando-se às visitas e as assistências estritamente religiosas, através da administração dos sacramentos e dos atos litúrgicos em geral, sendo que o padre era pago para realizar essas atividades religiosas. Já a administração material competia ao elemento leigo.

Os registros da Paróquia de Campinas, responsável pelo Santuário de Trindade, mostram que a paróquia ficou 12 anos sem os cuidados de um vigário, sendo que administração do Santuário passou aos cuidados de uma irmandade de leigos, composta de três elementos: presidente, tesoureiro e secretário. De acordo com Dom Eduardo, 5º bispo de Goiás, em sua autobiografia, a Irmandade do Pai Eterno usufruía dos rendimentos anuais da romaria e do Santuário em geral, sem vantagem alguma para a igreja. De acordo com Santos, a declaração do viajante português, Oscar Leal, em 1890, sobre o Santuário de Trindade, em cuja festa compareceu naquele ano, autentica a afirmação feita por Dom Eduardo.

⁴ BEOZZO, José Oscar (coord.). *História Geral da Igreja na América Latina: História da Igreja no Brasil*. Tomo II/2. Petrópolis: Vozes; Edições Paulinas, 1992. p. 18.

⁵ AZEVEDO *apud* SANTOS, 1984.

⁶ OLIVEIRA *apud* SANTOS, 1984, p. 88.

O mais engraçado é que esta capella, talvez a mais rica do Estado, como deve ser, não possui nem ao menos um órgão, pois lá dentro o único instrumento que existe é um realejo! Um realejo num templo! É duro dizelo mas é verdade. Uma festa que deve produzir annualmente pelo menos de dez contos para cima... Não há um fogo de artifício, uma representação pública, um motivo de atração por mais simples que seja, promovido pelos encarregados de arrecadação, que como quase sempre se vê n'este estado, homens sem iniciativas sem conhecimentos prático das cousas. Os próprios músicos são obrigados a permanecer de pé no meio da praça ou aliás sentados na relva, cobertos de poeira, por ser o que há de abundância n'essa epocha de escassas chuvas. Bandeiras, galhardestes, kermesses, coretos, nada d'isto existe... Não há dinheiro? São poucos os papalvos que annualmente lá vão deixar seus cobres?⁷

Romanização

O Catolicismo Romanizado nasce como resposta ao fenômeno da modernidade e laicização e da separação Igreja-Estado. Se expressa na versão tridentina, oficial e centralizada dos chamados Bispos "reformadores" brasileiros sob a direção da Santa Sé com o apoio das congregações europeias. O avanço das ideias liberais da modernidade laica restringiu o poder da Igreja na sociedade. Como reação a este fenômeno, ela procurou reforçar sua organização interna, face ao "perigo" que a rodeava, numa postura defensiva: o anti-modernismo. Desenvolve sua religiosidade dentro dos marcos do templo sob rígido controle clerical, centrado no culto do altar / púlpito / confessionário levando seus fieis a uma atitude de rejeição à modernidade do seu entorno, na forma de desagravo e reparação dos "ultrajes" que os "hereges" do mundo praticam a Jesus e a Maria.

De acordo com Tavares, o recém ordenado bispo de Goiás, Dom Eduardo, que tinha como missão estruturar a diocese goiana, até então abandonada espiritualmente por parte do clero, visitou Trindade em 1891, foi ver com seus próprios olhos o estado de decadência da romaria. Constatou que havia ali, por ocasião da festa,

“jogos, besundellas, brequefetes e reúnem-se bilhardonas e as calonas de todas as freguesias bem como sujeitos avillanados e rapazes mariolas, que aproveitam essa reunião de gente ruim e de marafonas para saciarem a sua luxuria e executarem suas vinganças, de sorte que não há um ano que não haja assassinatos e ferimentos graves”.⁸

O bispo observou ainda a má fé e a exploração dos membros da Comissão ou Irmandade do Divino Pai Eterno, que cuidava da Romaria e Santuário de Trindade. Ele insistiu na prestação de contas da romaria daquele ano. Depois de três dias apareceu o tesoureiro que confessou ter gasto o dinheiro na compra de bois. “Dissolvi a Comissão e

⁷ LEAL, 1890 *apud* SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. *Trindade de Goiás – Uma Cidade Santuário. Conjunturas de um Fenômeno Religioso no Centro-Oeste Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás – UFG. Programa de Pós-Graduação em História, 1976. p. 89-90.

⁸ TAVARES, Paulo Afonso. *Santuário Matriz: 100 anos de acolhida e evangelização*. Goiânia: Editora Kelps, PUC Goiás Editora, 2012. p.27.

nomeei administrador do Santuário o Pe. Francisco Inácio de Sousa, até que eu pudesse lá instalar uma congregação religiosa, como de fato mais tarde o fiz”.⁹ Quanto à renda da romaria, assim previa um dos artigos do regimento da irmandade do Divino Pai Eterno: “A metade pertencerá ao Presidente da Irmandade e a outra metade será em partes iguais distribuídas entre o tesoureiro, secretário e zelador”. Concluiu o Bispo: “Irmãos de mesa, irmãos de cobre é que eles eram”.

Enquanto todo Estado de Goiás estava abandonado espiritualmente por falta de sacerdotes, os redentoristas da Alemanha (Baviera) não podiam exercer o ministério apostólico por lei injusta do “Kulturkampf”, que os confundiu com os jesuítas, contra os quais se movia perseguição aberta. Em 1893, Dom Eduardo rumou para Roma, para a visita “ad limina” e obter religiosos, “a fim de se cristianizarem as romarias”.

Escreve o Bispo:

Andei em Roma de convento em convento. A última porta que eu bati foi a do Revmo. Padre Geral dos Redentoristas e como nas outras, a conversa foi negativa. Desanimado completamente ao despedir-me do venerando Padre eu disse: ‘Meu Reverendíssimo Padre Geral, minha consciência fica tranquila, fiz quanto pude. Santo Afonso fundou sua apostólica Congregação para salvar as almas mais abandonadas, saio daqui também como saí duas outras casas genélicas: a Nosso Senhor entrego esse negócio de tanto alcance’. De tarde veio visitar-me o Revmo. Padre Geral e dar-me à auspiciosa notícia de poder dar-me alguns religiosos de sua Congregação, mas da Baviera e não da Itália, sendo necessário eu lá ir para entender-me com o reverendíssimo Padre Provincial.¹⁰

O Capítulo Geral da Congregação Redentorista, iniciado em Roma no dia 25 de fevereiro de 1894, elegeu o novo Superior Geral, Padre Matias Rauss e ampliou o apostolado missionário dos Redentoristas. Esse decreto sobre a ampliação do apostolado foi recebido com imensa alegria pelos Redentoristas da Baviera. Poderiam agora exercer o apostolado missionário em outras partes do mundo e estariam livres da lei do “Kulturkampf”, que lhes proibia toda atividade apostólica. O entusiasmo apossou-se de todos, até mesmo dos seminaristas, que estavam prontos e dispostos para as missões estrangeiras. No dia 12 de julho de 1894, chegou a Gars, na Baviera, o Bispo de Goiás Dom Eduardo Duarte e Silva. Estava ali para cobrar a promessa feita pelo Padre Geral dos Redentoristas em Roma.

“Em Gars trataram-me os padres com o maior respeito e carinho, muitas amabilidades e generosidades”, escreveu Dom Eduardo. Foram destacados para Goiás os seguintes missionários: Padres Gebardo Wiggermman, como Superior e vice-provincial, João da Matha Spaeth, Miguel Siebler, Diácono Lourenço Hubbauer e quatro irmãos coadjutores: Irmãos Noberto, Ulrico, Gebardo, Floriano. Este último conseguiu mais tarde

⁹ TAVARES, 2012, p.27.

¹⁰ TAVARES, 2012, p.27.

ordenar-se sacerdote e tornou-se o célebre Padre Vicente Grilhisl, que missionou regiões distantes do Estado de Goiás.

A primeira entrada oficial dos Redentoristas em Trindade deu-se aos 29 de maio de 1895. Padre Miguel Siebler, Irmãos Gebardo e Floriano foram preparar a igreja e a casa para a romaria. A novena começou no dia 29 de junho e foi pregada pelo Padre Miguel. Houve 600 comunhões, 30 casamentos e 80 batizados. O povo ficou muito contente com a chegada dos Redentoristas. Em 1896, a novena foi pregada pelo Padre Lourenço Hubbauer, ordenado sacerdote por Dom Eduardo em 1895.

Em 1897, promoveu-se uma revolta aberta, encabeçada por Moisés Francisco Gomes, que foi abafada pela diplomacia de Padre Pedro Ribeiro e do Padre Dr. Hipólito. A 18 de março de 1898, foi pregada uma missão pelos redentoristas Padre José Wendel e Padre Antônio Lisboa. O resultado foi consolador. Nesse ano trabalharam na romaria cinco sacerdotes redentoristas: Padres Wendel, Antônio Lisboa, Roberto, João Batista e Martinho.

Tudo correu bem, entretanto, a renovação da missão em outubro foi sintomática. O povo da cidade tomou parte somente na procissão de encerramento. Uma portaria de Dom Eduardo dando ordens severas para a celebração da romaria foi o marco forte na revolta que estava para formar. Os cabeças da subversão da ordem não se conformaram com essas normas. Compreendendo a gravidade da situação, os redentoristas construíram uma casa em Trindade, onde, desde então, ficaram residindo um padre e um irmão coadjutor.

Mas os ânimos dos revoltosos acirraram-se cada vez mais. Usaram de violência contra padres e irmãos. Chegou o Bispo e a situação piorou. O sangue fervia nas veias. “Fora com os padres!” gritavam os revoltosos, armados de garruchas e cacetes. Aconselhado pelo dominicano Frei Joaquim Mestiçam, Dom Eduardo lançou o interdito sobre o Santuário e sobre o arraial. Os redentoristas arrumaram as malas e deixaram com tristezas o bom povo de Trindade. Isso aconteceu em 1900.

Depois de três anos de interdito, os cabeças da revolução convenceram-se de que sem padres não podia haver romaria. Arrependeram-se sinceramente do que tinham feito e pediram perdão ao Bispo. O interdito foi levantado e os redentoristas voltaram a Trindade. Num ambiente mais tranquilo, puderam os redentoristas desenvolver ali uma maravilhosa atividade. Reiniciaram os trabalhos apostólicos com uma missão, pregada pelos Padres José Wendel e Estevão Maria, de 23 de junho a 4 de julho de 1904.

Fundaram associações religiosas e caritativas, incentivaram o catecismo para as crianças e a catequese para os adultos. Introduziram outras solenidades religiosas, especialmente a celebração da semana santa com cerimônias e cantos religiosos. Abrilhamaram as romarias com bandas de músicas, missas cantadas e fogos de artifícios. Construíram o Santuário Matriz no breve espaço de um ano (1911-1912), bem como um

amplo salão para romeiros doentes. Em 1920, instalaram a luz elétrica na igreja e na praça. Os irmãos coadjuutores eram carpinteiros, marceneiros, pintores, escultores e mecânicos. Muitos trabalharam em Trindade.

Os missionários redentoristas preocupavam-se, ainda, com as obras culturais e cívicas. Trouxeram as irmãs Franciscanas de Campinas que, infelizmente, não foram bem recebidas por algumas pessoas. Não puderam mais lecionar em Trindade e suprimiram a fundação. Promoveram-se festas cívicas, representações teatrais e inaugurou-se a projeção de filmes de orientações sadia.

Igreja Católica e os Meios de Comunicação

A Igreja Católica Apostólica Romana já vinha demonstrando preocupação com a utilização dos modernos meios de comunicação social, como demonstra a instrução pastoral *Communio et Progressio*, de 1971, que frisa que “os modernos meios de comunicação social dão ao homem de hoje novas possibilidades de confronto com a mensagem evangélica”, abordando temas como a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão. Percebe-se que vários papas vêm ressaltando a importância dos meios de comunicação para a igreja. Por exemplo, o Papa Paulo VI afirmou que “a Igreja viria a sentir-se culpada diante do seu Senhor, se não lançasse mão destes instrumentos de evangelização”. Já o Papa João Paulo II definiu os *mass media* como “o primeiro areópago dos tempos modernos”, afirmando que “não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’, criada pelas modernas comunicações”. Só que nem sempre foi assim. Quando se examina a história da comunicação da igreja Católica, numa perspectiva social ou das relações entre ela e a comunicação, pode-se identificar, segundo Puntel, cinco fases, bem definidas.¹¹

Tais fases são colocadas no contexto dos novos instrumentos de reprodução simbólica, iniciando com a imprensa no século XV, de maneira que os novos meios de transmissão do saber vão sendo absorvidos, utilizados e instrumentalizados de acordo com o paradigma de comunicação da época. Acompanhando, então, as mudanças históricas que forçaram transformações na estrutura organizacional, tanto na sociedade como na igreja, dá-se um confronto da instituição eclesial com os meios de comunicação. Assim temos a primeira fase, caracterizada por um comportamento da Igreja orientado para o exercício da censura e da repressão. Período extenso e intenso projetado através da Inquisição. Nesta fase, a Igreja é a intermediária entre a produção do saber (não somente o teológico) e a sua difusão na sociedade.

¹¹ PUNTEL, Joana T. Contribuições e desafios das mídias católicas. 3 abr. 2008. Disponível em: <http://www.rccrj.org.br/index.php/content/article/40-ministro-de-comunica-social/619-texto-contribuis-e-desafios-das-mas-catas>. Acesso em: 23 jun. 2014

Percebe-se, portanto, que a igreja possuía o domínio dos meios de comunicação. Porém, há uma mudança a partir da segunda fase, em que modificações profundas começam a ocorrer, caracterizadas pela aceitação desconfiada dos novos meios. A comunidade eclesial começa, por exemplo, a ter o controle sobre a imprensa, o cinema e o rádio. Porém, a sociedade começa a se adaptar aos novos tempos e a pressionar a instituição católica, que acaba aceitando, ainda que com desconfiança, os meios eletrônicos.

Já na terceira etapa, encontramos um ritmo veloz. É a velocidade com que as transformações sociais e tecnológicas acontecem. “O imperativo para a igreja ‘acertar o passo’ e adaptar-se ao mundo contemporâneo apresenta-se sob a necessidade imperiosa de ‘aggiornamento’ que emerge do Vaticano II.”¹² No campo da comunicação, dá-se uma mudança brusca de rota, se comparada ao comportamento anterior.

“Trata-se de, até certo ponto, um ‘deslumbramento ingênuo’, segundo Marques de Melo, porque a atitude da Igreja moldava-se na recusa da comunicação”.¹³ De repente, ela assume a postura de que é preciso evangelizar, utilizando os modernos meios de comunicação. Admite que a tecnologia da reprodução eletrônica possa ampliar a penetração da mensagem eclesial.

A quarta fase refere-se, sobretudo, à América Latina e se distingue pelo “reencontro do povo pela igreja”. “Revela uma ‘redescoberta da comunicação, em toda a sua plenitude’. Dá-se a superação do ‘deslumbramento ingênuo’.”¹⁴ A igreja adota uma postura crítica, repensando a comunicação, e deixando de acreditar que a tecnologia pode resolver os problemas da ação evangélica. É neste momento que os meios passam a ser a voz dos que não têm voz.

O que não poderíamos deixar de considerar, entretanto, é o fundamental aspecto que constituiu (e constitui) a grande “reviravolta” da reflexão do magistério eclesial em relação ao mundo da comunicação, e que Puntel considera como a quinta fase da relação Igreja-Comunicação.¹⁵ Trata-se de uma significativa mudança de pensamento. A instituição católica começa a se expressar com mais clareza a respeito do impacto que os meios de comunicação têm na construção social. A novidade é que ela começa a refletir sobre o uso dos meios de comunicação não mais de forma restrita, mas referindo-se a um ambiente, por exemplo, no qual estamos imersos e onde todos têm o direito de participar, interagir. Trata-se de uma cultura, a cultura midiática.

Para Puntel, surge um novo modo de viver a religião. A identidade não é mais construída a partir da tradição, mas a partir da mídiação das práticas sociais que

¹² PUNTEL, 2008.

¹³ PUNTEL, 2008.

¹⁴ PUNTEL, 2008.

¹⁵ PUNTEL, 2008.

reorganizam os grupos numa nova dimensão. Sendo a midiatização que afeta as práticas sociais, afeta as práticas religiosas. Surgindo então um novo modo de ser no mundo, uma nova ambiência, caracterizada pelo processo de midiatização da sociedade, ainda pouco conhecida e explorada, mas que tem como uma de suas principais características o compartilhamento de informações, a participação.¹⁶

A sociedade está se tornando cada vez mais midiatizada. Segundo Gomes, “se um aspecto ou fato não é midiatizado, ele parece não existir”.¹⁷ Ou ainda: “Cada vez mais o fato, para ser reconhecido como real deve ser midiatizado. Tudo é feito eletronicamente”.¹⁸ Gomes analisa que, “aceitar a midiatização como um novo modo de ser no mundo, colocá-los numa nova ambiência que, se bem tenha fundamento no processo desenvolvido até aqui, significa um salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal”.¹⁹

De acordo com Fausto Neto,

A midiatização consiste no desenvolvimento de fenômenos técnicos transformados em meios, que se instauram intensa e aceleradamente na sociedade, alterando os atuais processos sócio-técnico-discursivos de produção, circulação e recepção de mensagens. Produz mutações na própria ambiência, nos processos, produtos e interações entre os indivíduos, na organização e nas instituições sociais.²⁰

Logo as instituições religiosas não ficam fora desse processo. Surge, nos Estados Unidos, na década de 1950, o fenômeno hoje conhecido como Igreja Eletrônica, pois alguns pastores acreditando que a televisão era um meio enviado por Deus para pregar o Evangelho para o mundo, maravilhados com poder de alcance e mobilização desse novo meio, passaram a comprar espaço na mídia televisiva. Conforme Gomes, a Igreja Eletrônica chegou ao Brasil através dos programas dos pastores Pat Robertson, Rex Humbard, Billy Graham, Oral Roberts, entre outros. Com o passar dos anos, esses programas evangélicos americanos foram substituídos por pregadores nacionais, tanto no rádio, quanto na televisão.²¹

Sendo que no campo televisivo, o mais famoso é o bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, que montou um império, a partir da Rede Record de Televisão e da Rede Família. Outros pastores pentecostais e neopentecostais, como R.R. Soares, Silas Malafais e Valdemiro Santiago também adentram a mídia eletrônica, com seus programas evangélicos.

¹⁶ PUNTEL, 2008.

¹⁷ GOMES, Pedro Gilberto. *Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 163.

¹⁸ GOMES, 2010, p. 164.

¹⁹ GOMES, 2010, p. 163.

²⁰ FAUSTO NETO, Antonio. *A Midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim*. IHU, São Leopoldo, ano 5, n. 35, 2009. p. 4.

²¹ GOMES, 2010.

Conforme Puntel, a Igreja Católica, no Brasil, depois de perder espaço na mídia televisiva e fiéis, uma parte dos católicos ligados ao movimento da Renovação Carismática, dá passos seguros em direção à profissionalização e de investimentos pesados na mídia.²² É nesse cenário que surge em 1995 a Rede Vida de televisão, quando o governo brasileiro outorgou a concessão do canal de televisão, o canal 11, com sede em São José do Rio Preto – SP, configurado como uma emissora católica que transmite os mais variados tipos de programação devocionais. Hoje, ela insere em sua programação outros formatos e opera como qualquer outra televisão comercial, possuindo telejornais, programas de debates e transmissão de futebol.

Midiatização da Devoção do Divino Pai Eterno

A midiatização da devoção do Divino Pai Eterno inicia com a chegada dos Missionários Redentoristas. Para tal, em 1922, foi criado o Jornal “Santuário de Trindade”, para divulgação da devoção do Divino Pai Eterno. Já na década de 1940, começaram as transmissões das celebrações do Santuário na Rádio Difusora de Goiânia, propriedade dos Missionários Redentoristas, para todo o Estado de Goiás. Em 2004, é criada a Associação Filhos do Pai Eterno – AFIPE, pelo reitor do Santuário Basílica de Trindade, padre Robson de Oliveira, com a finalidade de proporcionar auxílio na vivência da fé e propagar a devoção ao Divino Pai Eterno pelos meios de comunicação social,

Através da doação espontânea e fiel de cada devoto, foi possível montar uma estrutura televisiva, incluindo uma produtora, para transmitir, ao vivo, as celebrações do Santuário Basílica, as novenas diárias do Divino Pai Eterno e do Perpétuo Socorro e o Santo Terço dos Filhos do Pai Eterno, além do Programa Pai Eterno (site: paieterno.com.br).

O associado da AFIPE recebe mensalmente uma carta escrita pelo padre Robson. A postagem traz ainda testemunhos e brindes esporádicos, além de uma ficha de cadastro, para que o mesmo convide parentes e amigos a se tornarem membros dessa associação, além de um boleto para contribuir com a AFIPE. Com essa renda é possível o Santuário Basílica arcar com todas as despesas das transmissões de missas pela TV, novenas, terços e programas.

A midiatização das práticas religiosas do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno pelos dispositivos eletrônicos televisivos constitui-se num processo complexo em que a televisão apoia-se em cerimônias intrínsecas a práticas religiosas do Santuário Basílica para gerar a sua própria cerimônia, segundo estratégias singulares de produção de sentidos. A partir de fatores constitutivos de seu campo, a televisão, juntamente com o desenvolvimento de ações de outros campos sociais, incide sobre as práticas religiosas do Santuário Basílica, transformando historicamente seu conceito, o que resulta nas práticas

²² PUNTEL, 2008.

religiosas midiaticizadas. As alterações nos dispositivos midiáticos que atuam nas práticas religiosas do Santuário Basílica – do sistema de som para a visibilidade nacional – incidem sobre o conceito de práticas religiosas, já que outras simbólicas são destacadas e mostradas.

A midiaticização das práticas religiosas do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno pela televisão representa um processo crescente de atuação dos dispositivos midiáticos sobre ações antes desenvolvidas apenas pelo campo gestor desses acontecimentos. Com a midiaticização pela televisão, gera-se outra cerimônia que não a religiosa, mas a midiática. Trata-se de uma midiaticização que, historicamente, faz com que sejam efetuadas alterações nos modos de construção do cerimonial religioso, transformando a própria noção de cerimônia religiosa. Altera-se o formato litúrgico das celebrações para que ela possa se adequar melhor à televisão e diminui-se o tempo da celebração para se adequar ao horário de transmissão.

Mesmo pertencendo a uma fundação que é gerenciada por representantes do campo religioso, a Rede Vida opera sobre as práticas religiosas do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno a partir de lógicas midiáticas, transformando esse acontecimento religioso numa outra gramática. Portanto, as práticas religiosas são co-determinadas e construídas pelos modos de funcionamento da lógica midiática e não pelas características do campo religioso.

Considerações Finais

É nessa nova ambiência criada pela midiaticização da sociedade que o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno com renda oriunda da AFIPE, começa a transmitir a sua programação pela Rede Vida de televisão. Missas: segunda, terça, quinta e sexta às 7h, quarta às 9h, sábado às 7h e 17h30 e domingo às 17h30. Novena dos Filhos do Pai Eterno: todos os dias às 6h30, segunda à sexta: 10h, 17h e 20h, sábado: 12h e 21h, domingo: 9h. Terço em honra ao Pai Eterno: todos os dias às 6h. Programa Pai Eterno, com notícias sobre a construção da nova Basílica do Divino Pai Eterno, curiosidades sobre Trindade, depoimentos dos romeiros, etc: segunda à sexta: 7h45, reapresentação do programa: segunda à sexta: 10h30.

Referências

BEOZZO, José Oscar (coord.). *História Geral da Igreja na América Latina: História da Igreja no Brasil*. Tomo II/2. Petrópolis: Vozes; Edições Paulinas, 1992.

FAUSTO NETO, Antonio. *A Midiaticização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim*. IHU, São Leopoldo, ano 5, n. 35, 2009.

GOMES, Pedro Gilberto. *Da Igreja eletrônica à sociedade em mídiação*. São Paulo: Paulinas, 2010.

PALEARI, Giorgio. *Religiões do povo: um estudo sobre a inculturação*. São Paulo: Ave Maria, 1990.

PARKER, Cristián. *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PUNTEL, Joana T. Contribuições e desafios das mídias católicas. 3 abr. 2008. Disponível em: <http://www.rccrj.org.br/index.php/content/article/40-ministro-de-comunica-social/619-texto-contribuis-e-desafios-das-mas-catas>. Acesso em: 23 jun. 2014

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. *Missionários Redentoristas Alemães Em Goiás, Uma Participação nos Movimentos de Renovação e de Restauração Católica - 1894 a 1944*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. *Trindade de Goiás - Uma Cidade Santuário. Conjecturas de um Fenômeno Religioso no Centro-Oeste Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás - UFG. Programa de Pós-Graduação em História, 1976.

TAVARES, Paulo Afonso. *Santuário Matriz: 100 anos de acolhida e evangelização*. Goiânia: Editora Kelps, PUC Goiás Editora, 2012.

[Recebido em: outubro de 2014

Aceito em: novembro de 2014]